

HUSTON, Nancy. *Professeurs de désespoir*.
Paris: Actes Sud, 2004, 384 p.

Nubia Hanciau
FURG e ABECAN

“L’homme est bon et mauvais, dizia George Sand. Mas é algo mais: a nuance, a nuance, que é para mim o objetivo da arte. Teria a literatura contemporânea renunciado a esse objetivo?”, pergunta-se Nancy Huston na contracapa de seu mais novo ensaio, *Professeurs de désespoir*, segundo publicado em 2004, que surge juntamente com *Âme et corps: textes choisis* 1981-2003. A autora examina e explicita as causas de uma visão de mundo que estão por trás do radicalismo e da escuridão – sinceros ou simulados – inscritos em obras-primas ou romances de autoria de um grupo de “neantistas”, vivos ou mortos.

“Neantismo” é o neologismo que a escritora cunha e emprega no lugar de niilista ou negativista para contestar a receita que considera infalível a todo escritor – homem ou mulher – que queira ser tomado a sério, elevado às nuvens pela crítica. Esses autores, segundo

ela, caracterizam-se por registrar em seus enunciados as “dores mais insuportáveis”, os mais profundos “abismos da alma humana”. “Como o gênio é sempre excessivo, toma-se o excesso por gênio”. A concessão à mínima atração e felicidade que a existência possa oferecer significará descrédito. Na verdade, de acordo com Nancy Huston, há na mentalidade contemporânea uma forte tendência a acreditar que para produzir a verdadeira literatura, no sentido mais nobre do termo, é imperativo rejeitar formulações que apresentem uma visão idílica da existência.

Logo no início do livro ela conta que certa noite assistiu à representação de *Déjeuner chez Wittgenstein*, peça de Thomas Bernhard, em que duas irmãs, encarnação da pequena burguesia conformista, recebem para jantar seu irmão, Worringer, um homem cáustico, irado, que, eructando, mergulha

as mãos na salada, seca os dedos na toalha e estilhaça a porcelana familiar, para o júbilo do público. Aplausos ao final... Depois cada um volta para casa, reencontra o seu mundo em que os laços contam, os objetos são símbolos portadores de amor e memória, a cortesia traduz o respeito pelo outro. Onde um grosseiro como Worringer seria seca e decididamente colocado porta a fora.

Isso vem demonstrar que a arte permite toda a liberdade ao criador e ao público e lhes possibilita livre curso às suas pulsões anti-sociais, violentas, expressas sob a forma do jogo. Os artistas evitam assim que se faça grande estrago na vida real. Mas não se pode esquecer que produções culturais em circulação como a que se exemplificou revelam a mentalidade de uma sociedade e influenciam sua vida.

Ao tentar levar o leitor a mudar sua perspectiva a respeito desses renomados escritores neantistas, cujo prestígio devem em grande parte à ilusão de que são originais, Nancy Huston sustenta que todos eles dizem a mesma coisa. E ressalta o vezo comum que têm Albert Camus (*L'étranger*), Michel Houellebecq (*Plateforme*), Thomas Bernhard (*L'extinction*) de darem início aos seus livros pelo anúncio da morte da mãe ou do pai: “Minha mãe está morta, meu pai está

morto, nem ligo, os laços não significam nada para mim, a família é uma merda, sou livre” (*Premier amour* e *Molloy*, de Beckett). Resume ainda o conselho de Houellebecq aos futuros escritores: escavem os temas que ninguém quer escutar, o avesso do cenário. Insistam com a doença, a agonia, a feiúra. Falem da morte, do esquecimento. “Sejam abjetos, sereis verdadeiros”. “Isso não dá prazer a ninguém mas é a verdade”, escreve Elfriede Jelinek, temas que, segundo Huston, “são os prediletos da corrente mais poderosa da literatura contemporânea”. Visando a se diferenciarem de seus semelhantes a qualquer preço, essa obsessão que ela denomina “gregarismo elitista” tem, do outro lado, felizmente, autores capazes de muitas vezes assumirem a banalidade, a própria vida, os desejos; e no lugar da rejeição orgulhosa da carne, sua aceitação serena e feliz.

Huston relaciona traços biográficos comuns nos textos referenciados, cujo indubitável valor literário reconhece. Algumas dessas autorias a deixam cética, outras inclusive fazem parte de seu panteão pessoal: Arthur Schopenhauer, admirado por Emil Cioran, Thomas Bernhard, Samuel Beckett, Milan Kundera, a citada Nobel Elfriede Jelinek, autora de *A pianista*, Michel

Houellebecq, Christine Angot, Sarah Kane... Questiona o tempo todo e com veemência a visão de mundo que eles revelam, gasta e distorcida, fonte do desespero que transforma cada indivíduo em entidade isolada, independente, impermeável, autores “que postulam um corte irrevogável entre o homem e a natureza, entre o homem e o homem”; que encaram a vida não como um ciclo, mas como uma “ladeira que despenca em direção ao nada”.

A vida apresenta-se como um *tsunami* aos neantistas, uma calamidade, uma maldição cuja responsabilidade é das mulheres, culpadas por atraí-los para “essa pavorosa armadilha que ela é”; primeiro por lhes dar à luz; depois por estimularem a que se reproduzam. A misoginia ferrenha que manifestam vem associada à fobia à carne, aos laços, aos sentimentos, percebidos como repugnantes, *kitsch*, inquietos e incompatíveis com a criação artística e as nobres obras do espírito. O “feminino pensante”, o “maternal inteligente” que Nancy Huston decanta, são para eles fenômenos, oposições binárias paupérrimas: o corpo representa uma inaceitável humilhação, uma afronta à grandeza do espírito. Kundera o qualifica de “ateliê de bricolagem”, em que os humanos foram fabricados, onde no ventre foi

instalada “uma pequena usina fedorenta”.

Com sarcasmo, humor e condescendência maternal, se a ensaísta ataca os monumentos literários, não é para reprovar seu talento – evidentemente muitos foram *seus* professores –, mas sim para acusar o fogocruzado de idéias semelhantes, que moldam há mais de meio século o olhar dos leitores sobre o mundo, a maneira de julgar a profundidade. O que reprova é a fascinação que se tem por eles, a obediência aos seus desesperos íntimos, que erigem como verdades absolutas da condição humana. Muitos dos “professores do desespero” creditam forte ressentimento adolescente em relação aos genitores. Mesmo que um dia esses jovens cansem de se lamentar por terem nascido e preferam transformar sua revolta em causas menos vãs, elaborando, aos poucos, uma percepção mais fina e complexa da existência, as elites culturais recusam essa passagem à idade adulta como fonte de inspiração; preferem conservar um cotidiano sem histórias e fazer do desespero do adolescente um critério de qualificação e de valor literário.

O ensaio filosófico *Professeurs de désespoir* leva ainda à formulação de uma hipótese interessante: a voga da literatura “neantista” traduziria

“um sobressalto de virilismo”, segundo Mona Chollet, inspirado pela angústia dos homens modernos diante da constatação de que as mulheres hoje em dia colocam em causa o seu – “deles” – monopólio sobre o mundo do pensamento e da criação...

A maternidade, rejeitada à fileira do horror por aqueles que vêem a auto-suficiência como o grande ideal, quando abordada pelos “professores” é para ser denunciada, deixando a impressão de que as mulheres provavelmente vivem uma outra metafísica, diferente daquela dos homens, pois são incluídas diferente-mente no tempo. O sacerdócio literário que preconizam os ídolos da grande imprensa parisiense – aliás, identificáveis na última página do livro, onde a autora os relaciona nos treze capítulos da “table” – inscreve-se na melhor das tradições monoteístas, aquela tão antiga, que despreza a mulher, excessivamente próxima da natureza e da vida.

As realidades da vida que suscitam profunda repugnância entre os negativistas, os laços, os sentimentos, a ternura, estão há mais de duas décadas em *Journal de la création*, onde Nancy Huston aborda as mesmas questões. Não estão ausentes, porém, de seus numerosos romances, o abismo da alma humana, as dores insuportáveis que tão bem sabe dissecar, sem todavia deixar de captar os mínimos fragmentos da beleza. Quem conhece a obra da escritora – quer concorde ou não com suas últimas conclusões – reconhece a pertinência desse “título” literário de grande atualidade. O quase-silêncio da imprensa parisiense – que sempre menciona e enaltece as publicações da escritora – a respeito desse tratado filosófico de fôlego talvez venha demonstrar que a instância legitimadora prefere não desencadear discussões e continuar protegendo seus ídolos, sua fortaleza.